



<http://dx.doi.org/10.15448/0103-314X.2024.1.45310>

SEÇÃO: ARTIGOS LIVRES

A discussão cristológica sobre o “Jesus histórico”

The Christological discussion about the “Historical Jesus”

La discusión cristológica sobre el “Jesús histórico”

José Armando Vicente¹

orcid.org/0000-0002-4261-2297
alopes@pucsp.br

Recebido em: 19 out. 2023.

Aprovado em: 23 maio 2024.

Publicado em: 02 out. 2024.

Resumo: O que Jesus, de fato, andou fazendo? – eis a questão e a discussão sobre o Jesus histórico. Para responder a essa interrogação, recorre-se à literatura que a historiografia desenvolveu ao longo dos séculos e que, na idade moderna, foi denominada de “crítica histórica”. A figura de Jesus que resulta desta pesquisa chama-se “Jesus histórico”, e os estudos sobre ele limitam-se apenas aos fatos empiricamente verificáveis, através das assim chamadas “evidências” ou provas e indícios histórico-críticos que consistem essencialmente na convergência de diversas fontes. O Jesus histórico, por um lado, é mais restrito que o Jesus “terrestre” da narrativa da fé. Por outro lado, ele é mais amplo, porque eventualmente pode apresentar características que não são referenciadas nos evangelhos ou nos demais escritos da fé cristã primitiva, como seria o caso se fosse encontrada a agenda contando suas andanças entre os 13 e os 30 anos de idade.

Palavras-chave: Cristologia. Crítica Histórica. Jesus Histórico.

Abstract: What was Jesus doing? – that's the interrogation that moves the discussion about the historical Jesus. To answer this question, we need to check the literature that historiography developed over the centuries. The modern age called it “historical criticism”. The figure of Jesus that comes from this research is called “the historical Jesus”. The investigation on the historical Jesus is limited only to empirically verifiable facts, through the so-called “evidence” (historical-critical facts) and statements that essentially contain the convergence of several sources. The historical Jesus, on the one hand, is more restricted than the “earthly” Jesus of the faith narrative. On the other hand, it is broader, because it may eventually present features that are not exposed in the gospels or in other writings of the early Christian faith, as would be in the case of the discovery of the diary recounting his wanderings between the ages of thirteen and thirty.

Keywords: Christology. Historical Criticism. Historical Jesus.

Resumen: ¿Qué estaba haciendo realmente Jesús? – esa es la pregunta y la discusión sobre el Jesús histórico. Para responder a esta pregunta acudimos a la literatura que la historiografía ha desarrollado a lo largo de los siglos y que en la época moderna se ha denominado “crítica histórica”. La figura de Jesús que resulta de esta investigación se denomina “el Jesús histórico”. La investigación sobre el Jesús histórico se limita únicamente a hechos empiricamente verificables, a través de las llamadas “evidencias” o pruebas e indicios histórico-críticos que consisten esencialmente en la convergencia de varias fuentes. El Jesús histórico, por un lado, es más restringido que el Jesús “terrenal” del relato de la fe. Por otro lado, es más amplio, porque eventualmente puede presentar características a las que no se hace referencia en los evangelios u otros escritos de la fe cristiana primitiva, como sería el caso si encontraras el diario que relata tus andanzas entre los trece y los años. treinta.

Palabras clave: Cristología. Crítica histórica. Jesús histórico.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

¹ Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Contagem, MG, Brasil.

1 Introdução

O que se objetiva neste artigo é apresentar as reflexões feitas sobre o Jesus histórico, que procuraram analisar Jesus a partir de sua própria vida, a partir dele mesmo; isto é, a face humana de Jesus, o Deus conosco, o Emanuel (Mt 1,23). O termo Jesus histórico refere-se a uma tentativa de reconstruções acadêmicas do século I da figura de Jesus de Nazaré. Estas reconstruções são baseadas em métodos históricos, incluindo a análise crítica dos evangelhos canônicos como a principal fonte para a sua biografia, juntamente com a consideração do contexto histórico e cultural em que Jesus viveu.

Cabe, em primeiro lugar, fazer a seguinte pergunta: a quem interessa a pesquisa ou a discussão cristológica sobre o Jesus histórico? Será que esse "Jesus da história" apresenta alguma importância para o cristão que já tem a sua "história de Jesus" contada em vista da fé? Será que interessa ao não-cristão que quer demonstrar que o Jesus dos cristãos é uma ilusão ou um mito?

A pesquisa para conhecer o Jesus histórico teve sua origem em ambientes racionalistas, mas não antirreligiosos, pelo contrário. Os pesquisadores que iniciaram a investigação foram crentes ou protestantes "liberais" da Alemanha, como o luterano Reimarus. O interesse da busca do Jesus histórico atingiu também o ambiente francês, tradicionalmente católico. O resultado mais conhecido produzido nesse cenário é a obra *Vida de Jesus*, de Ernest Renan.

Antes de entrar nos detalhes da discussão sobre o Jesus histórico, é necessário fazer distinções entre o Jesus terrestre e o Cristo ressuscitado. Portanto, o artigo divide-se em duas partes: a) a distinção entre o Jesus terrestre e o Cristo da fé; b) a questão do Jesus histórico.

2 Tensões dialéticas

2.1 O Jesus terrestre e o Cristo da fé

De acordo com Konings (1997, p. 55), a figura histórica de Jesus (o Jesus histórico) deve ser distinguida do "Cristo da fé". A esse respeito, o autor argumenta o seguinte:

Essa distinção não é a mesma que a distinção entre o Jesus terrestre e o Cristo ressuscitado, elevado na glória de Deus. O Cristo da fé, o Jesus proclamado messias e Filho de Deus pela fé de seus seguidores, inclui ambas as figuras do Jesus terrestre e do Senhor da glória. Os evangelhos não nos apresentam o Jesus procurado pelos historiadores críticos, mas o Jesus da "narrativa da fé", um Jesus apresentado de modo que creiamos que ele é o messias e Filho de Deus e, nesta fé, acedamos à vida eterna (Mc 1,1; Jo 20,31).

O Novo Testamento aponta dois momentos do Cristo da fé: o de sua obra terrestre e o de sua existência gloriosa no tempo de Deus. No entanto, nestes dois momentos, o Jesus do Novo Testamento é, antes de tudo, o Cristo da fé. Ainda segundo Konings (1997, p. 55-56),

A narrativa que a fé apresenta a respeito de Jesus comporta sua vida como membro da comunidade judaica, taumaturgo e mestre ambulante, na Galileia e em Jerusalém, até o conflito que culminou em sua morte, sendo resgatado da morte, pelo poder de Deus, em reconhecimento da sua justiça e de sua obra, no fato que recebeu o nome de ressurreição, exaltação ou glorificação. A narrativa da fé mistura, portanto, as atividades que pertencem ao domínio terrestre, sujeito à verificação histórica, com o evento da glorificação, que só é testemunhado na fé.

2.2 O Cristo "de cima", do alto e o Cristo "de baixo"

Fundamentalmente e simplificando, pode-se afirmar que existem duas correntes diferentes que marcaram as duas orientações-chaves da cristologia hoje: trata-se, de um lado, da discussão cristológica que apresenta o Cristo a partir "de cima", do alto, e, de outro, da discussão cristológica que apresenta o Cristo a partir "de baixo".

O ponto de partida da primeira discussão cristológica é o evento teologal no qual Deus-Cristo vem ao mundo e se faz humano, ou seja, assume uma natureza humana, mediante o mistério que se chama "união hipostática" (união das duas naturezas em Cristo: a divina e a humana). O momento-chave dessa questão cristológica é a encarnação. Esta é a cristologia tradicional que fala da preexistência do Logos (o Verbo, o Filho de Deus). Ora, de acordo com Bingemer (2008), esta cristologia que apresenta o Cristo a partir do

alto, de cima, não leva em consideração aquilo que é tão importante no mistério de Cristo como Filho de Deus: sua diferença com respeito ao Pai, porque não leva a sério a humanidade de Cristo.

Já a segunda discussão cristológica, ao contrário, apresenta Jesus Cristo a partir de baixo. A respeito dessa perspectiva, Bingemer (2008, p. 12) afirma o seguinte:

Jesus foi um homem singular e único. Irrepetível e absolutamente original, viveu a existência ameaçada e insegura de todo ser humano, comprometendo-se na mais radical obediência a Deus para libertar a humanidade, porque para isso havia sido enviado por seu Deus e Pai. Após realizar totalmente e até o fim o plano de Deus, foi por Deus ressuscitado e constituído Senhor e Cristo.

Nessa discussão-reflexão cristológica, aparece claro que Jesus Cristo foi um homem inteiramente igual a todos os outros seres humanos, menos no pecado (Hb 4,15; Fl 2,7-8). A partir desse debate, também sem muita dificuldade são explicadas uma série de afirmações que os evangelhos fazem sobre Jesus: dizem que ele aprendia (Lc 2,40-50), que sentia saudades e se surpreendia (Mt 8,10; Lc 7,9; Mc 6,6), e que não sabia ou conhecia certas coisas (Mc 13,32), que tinha tentações (Mt 4,1-11; Mc 1,12-13; Lc 4,1-13; 22-28) e que sofreu o medo diante da morte e do fracasso (Mt 26,38; Mc 14,34; Lc 22,43-43; Hb 5,7).

Ainda segundo Bingemer (2008, p. 13):

Jesus aparece nesses textos como alguém muito humano, a quem se pode seguir e a quem se pode tomar como modelo e desejar imitar. Igualmente, nessa interpretação, Jesus aparece como um judeu muito consciente de sua pertença ao povo eleito. Mais: aparece como alguém que se dá conta da verdadeira situação de seu povo, e se compromete até o fundo para libertar seus semelhantes das múltiplas cadeias e escravidões (morais, religiosas, humanas) em que estão aprisionados, por obediência a seu Pai, em que ele vê o Deus libertador que se revelou no Antigo Testamento.

Ora, assim como a primeira discussão cristológica tem suas inconveniências ou limites, também a segunda tem o inconveniente de não explicar suficientemente toda uma série de afirmações do Novo Testamento, nas quais se fala da preexistência de Cristo e da consciência

messiânica de Jesus.

Portanto, as duas discussões cristológicas (o Cristo a partir "do alto" e o Cristo a partir "de baixo") têm suas vantagens e seus inconvenientes.

A esse respeito, Bingemer (2008, p. 13) disserta:

Quanto às vantagens, não há que esquecer que cada uma delas conta com uma série de textos do Novo Testamento que a apoiam solidamente. E quanto aos inconvenientes, simplificando muito a questão, poder-se-ia dizer que cada uma tem seus riscos. Enquanto a cristologia descendente tem o perigo de incorrer no monofisismo prático, que implicaria considerar Jesus apenas como um ser divino, deixando na sombra sua humanidade, a cristologia ascendente corre o risco de cair em uma espécie de ideologia horizontalizante, fixando-se de tal maneira na humanidade de Jesus que chegaria a despojá-lo de seu senhorio e sua divindade.

Levando em consideração o exposto, pode-se afirmar que as duas discussões cristológicas são formas fundamentais, embora diferentes e até certo ponto complementares, de entender a mensagem de Jesus. Por isso, elas devem dialogar, para que nenhuma delas seja totalmente deixada de lado, isto é, marginalizada.

2.3 Jesus Cristo: verdadeiro Deus e verdadeiro homem

O assunto da divindade de Jesus Cristo é sério e delicado. Toda a questão se decide a partir da resposta à pergunta se Jesus de Nazaré, esse homem tão humano, pode realmente ser afirmado, proclamado, louvado e adorado como Filho de Deus e Deus mesmo.

Bingemer (2008, p. 16) levanta algumas hipóteses que ajudam a perceber as consequências de uma afirmação ou de uma negação do laço indissolúvel da humanidade com a divindade:

Se Jesus Cristo não fosse Deus, suas palavras seriam representação de Deus, mas não seriam divinas. As palavras de Jesus Cristo equivaleriam às palavras de outras grandes figuras religiosas da humanidade, veneradas por muitos, mas das quais não se afirma serem de natureza divina [...]. A recusa da afirmação direta *Jesus Cristo é Deus* poderia ter sentido e razão teológica se significasse e implicasse o desejo de dizer: *Jesus é plenamente humano; ou Jesus não é Deus como o Pai é Deus; ou, ainda, Deus é Deus também na boca e no coração, enfim, na experiência vital de Jesus.*

Os evangelistas tiveram o cuidado de mostrar que Jesus não se confundia, nem se superpunha ao Pai, mas que era uma pessoa diferente dele. Mostraram que, mesmo quando é reconhecido e confessado como Filho de Deus, cultuado e adorado como uma pessoa divina, é diferente do Pai.

Por isso, afirmar que Jesus Cristo é Deus não pode, de forma alguma, significar que se minimiza a importância do fato de que ele é, também, inseparável, plenamente humano. Se é Deus, é uma pessoa divina, mas não pode ser confundido com o Pai.

Bingemer (2008, p. 17) afirma que, ao chegar – após percorrer muitos caminhos e padecer com muitas dúvidas – à afirmação de fé “Jesus é Deus”, a comunidade cristã quer, na verdade, defender o seguinte:

- a) Jesus (que) é humano, portanto, dotado de sensibilidade e perplexidade, capaz de alegrar-se, de sentir medo, fome, frio, tristeza e alegria, decepção e exultação;
- b) Jesus (que) é irmão, constitutivamente fraterno, criando sempre relações reconciliadas e solidárias com toda pessoa que cruze seu caminho, fazendo de todos, irmãos, sobretudo dos mais pobres e marginalizados;
- c) Jesus (que) é Messias (Cristo), que manifesta em sua pessoa e em sua vida os traços da esperança messiânica, dos anseios mais profundos de seu povo por alguém enviado por Deus, que instauraria os tempos definitivos, quando haveria justiça, o amor reinaria e Deus seria tudo em todos;
- d) Jesus (que) é Filho, que age, fala e vive sempre em total dependência e amorosa obediência em relação ao Deus que ele chama de Pai e com quem se relaciona, ao mesmo tempo, com a obediência e a liberdade de um filho;
- e) É *Deus*. É Senhor, é divino, é natureza divina, é um com o Pai desde sempre e para sempre.

Portanto, a fé na divindade de Jesus Cristo tem que levar muito a sério a humanidade do mesmo Jesus. A fé tem que afirmar que Jesus foi um homem verdadeiro, um homem como outros homens. “Por conseguinte, toda afirmação de fé ou toda apresentação da mensagem cristã que deixe de lado a humanidade de Cristo tem que ser descartada radicalmente, porque se trata de uma afirmação errônea e herética”, afirma Bingemer (2008, p. 18).

De acordo com o Concílio de Calcedônia (n. 541):

Jesus Cristo é perfeito na divindade e perfeito na humanidade, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, com alma racional e corpo. Esse um e o mesmo é consubstancial conosco por sua humanidade, fez-se em tudo semelhante a nós, menos no pecado.

A afirmação do Concílio não se aplica simplesmente à “natureza humana” em geral, à humanidade como um todo, mas sim, mais concretamente, ao “homem”. Mais ainda, a um homem determinado, a este homem que, de fato, foi Jesus de Nazaré.

A esse respeito, Bingemer (2008, p. 19) disserta:

Porque é evidente que a natureza humana em si não existe, já que isto é uma abstração que fazemos. Não existe a natureza humana em abstrato. O que existe é o homem real, a mulher real, os seres humanos concretos, com nome e identidade. Nesse sentido, afirmamos a partir da Revelação e da fé que Jesus foi um homem no pleno sentido da palavra, um homem igual em tudo a outros homens menos no pecado. E essa afirmação de fé está em profunda consonância com numerosas passagens do Novo Testamento que narram que Jesus foi um homem, que tal como outros homens sofreu por causa da ignorância quanto ao futuro, ao medo, à insegurança e às limitações inerentes a todo ser humano. Ou seja, Jesus não foi poupado de tudo o que faz a existência humana verdadeiramente dura e difícil.

Por isso, é preciso, e mesmo necessário, defender radicalmente a humanidade de Jesus, rejeitando tudo o que não o faça parecer como um entre tantos, como um simples homem (Fl 2,7). Muitas passagens dos evangelhos contam a vida de Jesus como um homem; as narrativas evangélicas da Paixão, por exemplo, dizem que

Jesus morreu dando um forte grito: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? (Mt 27,46; Mc 15,34).

Bingemer (2008, p. 20) escreve a respeito do significado do grito de Jesus na cruz:

Hoje há teólogos que, a partir de uma cristologia ascendente, interpretam essas palavras de Jesus no sentido mais radical. Afirmam que Jesus se sentiu realmente abandonado por Deus e completamente fracassado. Ele havia pregado o Reino de Deus. Havia anunciado, além disso, que o Reino está próximo (Mc 1,15; Mt 3,17) ou mesmo que já está "no meio de vós" (Lc 17,21). Mais ainda, Jesus disse essas coisas no marco da mentalidade apocalíptica de seu tempo, que esperava o Reino no sentido de uma iminente e inesperada intervenção de Deus (cf. Mt 13,30; 14,25; Lc 22,15.19-29). Mas o fato é que essa intervenção de Deus não se produziu até o momento de sua morte. E não somente não se produziu de maneira que ele pudesse constata-la, como também, além disso, o que Jesus viu que lhe vinha ao encontro era a sua própria morte. Seu grito na cruz é o grito de alguém que se sente balançando no vazio e se entrega totalmente nas mãos incompreensíveis de um Deus que não parece responder-lhe.

No entanto, a maior parte das confissões de fé no Novo Testamento afirmam que Jesus – aquele que os seres humanos mataram – foi constituído Senhor, o Messias, o Cristo e Filho de Deus, mediante sua ressurreição. Portanto, não se pode fazer afirmações enfatizando um ou outro polo do mistério, isto é, realçando o Jesus terrestre ou o Cristo ressuscitado, para não comprometer a totalidade da cristologia. Esta deve ser proposta na sua integralidade.

3 A pesquisa sobre o Jesus histórico

A pesquisa sobre o Jesus histórico teve início na modernidade, no século XVIII, e se desenvolveu, até os nossos dias, em três ondas, preocupadas em reconstruir os fatos históricos e a pessoa humana de Jesus, que ficavam como que escondidos atrás das afirmações dogmáticas e de fé das Igrejas.

O homem moderno fundamenta-se, sobretudo, no primado da razão. Ele quer analisar, com o instrumento de sua razão, a própria realidade das coisas e de sua história. Portanto, a racionalidade moderna surgiu, desde os séculos XVI e XVII, dan-

do origem ao método crítico de interpretação dos documentos históricos da humanidade. Depois de muitas dúvidas, também os exegetas começaram a aplicar esse novo método de investigação para os evangelhos. Nesse método, os evangelhos são tomados imediatamente não como Palavra de Deus, mas como documentos históricos. Como tais, podem e devem ser analisados segundo os critérios das ciências históricas.

A preocupação com o Jesus histórico, portanto, é própria da modernidade. Os teólogos da teologia liberal trabalharam a ideia de Jesus sem o Cristo. Ela representou a tentativa da razão ilustrada de libertar Jesus do dogma. O *slogan* da teologia liberal era: "a volta ao homem Jesus".

A *primeira fase de investigação* se inicia com Reimarus (1694-1768), que afirmava que Jesus e o Cristo não são o mesmo sujeito, são seres diversos. Mais tarde, Davi Friedrich Strauss (1808-1874) escreve sobre a vida de Jesus. Para ele, Jesus realiza o mito da humanidade, assim, Jesus é um mito.

A *segunda fase de investigação* veio com Bruno Bauer (1809-1882), Henrich Holtzmann, entre outros. Eles partiram da crítica literária em busca das fontes Q. O objetivo era encontrar o ideal da personalidade de Jesus a partir da abordagem do autor literário dos textos dos evangelhos.

A investigação sobre a vida de Jesus produziu uma primeira reação de Martin Kahler (1835-1912). Para ele, é inútil a investigação histórica sobre a biografia de Jesus. Uma segunda reação veio de William Wrede (1859-1906), em seu livro sobre o segredo messiânico no Evangelho de Marcos. Segundo o autor, não se pode tirar do evangelho uma vida de Jesus. É à fé da comunidade que devemos agradecer o fato de termos uma imagem de Jesus. Atrás do evangelho, temos uma imagem bastante indefinida do Jesus histórico.

Uma terceira reação vem de Albert Schweitzer, na obra *História da investigação sobre a vida de Jesus*. Ele constata o fracasso desse esforço de investigação para encontrar dados realmente significativos para a historiografia. O autor provou que não é possível, com os dados que temos, escrever uma biografia de Jesus. Na realidade, cada um

tende a ler os evangelhos segundo o seu ponto de vista, a sua própria visão do mundo e da fé, seus próprios preconceitos dogmáticos, com os quais se inicia a leitura, que operam como pressupostos de interpretação. Assim, Albert Schweitzer chegou à conclusão de que não valia a pena tanto esforço. O importante não é saber de sua vida, mas comprometer-se com sua mensagem. Por isso mesmo, foi para a África, fundou um leprosário e, como médico que era, passou sua vida entre doentes. Portanto, para ele, basta crer. Não se deve perder tempo estudando questões históricas e filosóficas sobre Jesus; o importante é o Cristo da fé.

Mais tarde, Rudolf Bultmann (1884-1976) fez pesquisa do Novo Testamento. Para ele, faltam fontes para a investigação histórica sobre Jesus, que, segundo sua concepção, seriam desnecessárias. Basta a fé. Os evangelhos não são biografias, mas pregação da Igreja. O importante é a história do texto e não o Jesus histórico. Bultmann (1972, p. 103) afirma o seguinte:

Da minha parte, não há dúvida alguma de que nada podemos saber da vida e da personalidade de Jesus, porque as fontes cristãs não se interessam por isso, a não ser de modo muito fragmentário e com toque romanceado, e porque não existem outras fontes sobre Jesus.

O ceticismo de Bultmann (1972) não satisfaz nem mesmo aos seus discípulos, tais como Ernst Kasemann (que proferiu, em 1978, uma conferência intitulada "o problema do Jesus histórico"), G. Bornkamm, Gerhard Ebeling, entre outros. Estes pesquisadores tentam empreender uma volta ao Jesus histórico, esboçando uma imagem de Jesus de Nazaré, sua personalidade, suas atitudes, sua singular pretensão de poder e sua concepção de missão.

Kasemann (1985, p. 56) afirma o seguinte:

Meu interesse maior é mostrar que da obscuridade da estória de Jesus emergem traços característicos de sua pregação, observáveis com relativa precisão e incorporados à sua própria mensagem pela cristandade primitiva... A questão do Jesus histórico é, legitimamente, a questão da continuidade do Evangelho na descontinuidade dos tempos e na variação do querigma.

Em tempos mais recentes, temos o que se chamou de *terceira investigação*. Portanto, nestes últimos anos, a reconstituição histórica da vida de Jesus volta à pauta, agora com interesses e métodos muito diversificados. Ela é representada pelo esforço de alguns, como Gerd Theissem, John Crossan, entre outros. Enquanto alguns autores continuam interessados no valor paradigmático da práxis de Jesus (R. Nolan), outros se situam na perspectiva do diálogo entre as religiões (J. D. Crossan), especialmente com o judaísmo (D. Flusser, E. P. Sanders); há, inclusive, um interesse da parte de estudiosos judeus em "recuperar Jesus para o judaísmo" (G. Vermes). Outros ainda buscam esclarecer melhor o contexto sócio-histórico de Jesus (J. Riches, S. Freyne) e de seu "movimento" (G. Theissen).

A especificidade dessa fase, portanto, está na nova perspectiva da abordagem: ela classifica Jesus, no contexto sociocultural de seu tempo, como um judeu piedoso. A terceira investigação, portanto, quer aprofundar as raízes históricas e culturais de Jesus, inserido na história de um povo, o de Israel. Não é um Jesus deslocado da história, mas dentro dela e visto a partir dela.

Ora, o interesse pelo "Jesus atrás da fé" (ou "antes do cristianismo", como diz Nolan), no atual momento de globalização, se explica, sobretudo, pelo desejo de fazer de Jesus um "patrimônio da humanidade", acessível a qualquer um, sem ter de passar pelo canal da comunidade cristã.

4 A resposta da exegese histórico-crítica sobre o Jesus dos evangelhos

Pode-se ampliar esta reflexão afirmando que a operação de volta ao Jesus histórico não é apenas invenção da modernidade. Ela aconteceu, de início, no processo de produção do Novo Testamento, sobretudo, dos evangelhos, que constituem uma forma insuperável de recuperar Jesus.

Os evangelhos não foram escritos para afirmar a divindade de Jesus – esse ponto já estava assegurado –, mas para garantir a sua vida humana na história. Surge, no entanto, uma dúvida: os evangelhos, como marcos de fé, podem oferecer

base suficiente para uma biografia de Jesus?

Não se pode considerar os evangelhos como uma mera coletânea de "fatos" sobre Jesus. Sendo assim, eles não são, portanto, biografias de Jesus.

A esse respeito, Lohfink (2015, p. 12-13) afirma:

Eles não são uma reunião de documentos a partir de um arquivo sobre Jesus, feito pela comunidade primitiva de Jerusalém. É verdade que os autores dos evangelhos tinham à disposição uma multiplicidade de tradições sobre Jesus, mas com o auxílio dessas tradições eles *interpretaram* a Jesus. Eles interpretaram suas palavras, interpretaram seus atos, interpretaram toda sua vida. Eles interpretaram a Jesus em cada linha, em cada frase.

O autor em questão pergunta:

Mas será que temos o direito de peneirar criticamente textos que são pura interpretação, do começo ao fim, na esperança de encontrarmos ao final os "fatos"? Como acontece na lavagem feita pelos garimpeiros, temos o direito de lançar fora areia inútil das interpretações, resguardando apenas o ouro pesado dos fatos? A partir dos relatos pautados totalmente em interpretações, podemos ir retirando camadas até chegar ao "originário"? Retirando todas as camadas secundárias, chegaríamos então aos fatos puros? [...] Onde se encontra afinal a verdade: nos fatos ou em sua interpretação? (Lohfink, 2015, p. 13).

É sabido por nós que os evangelhos foram escritos a partir da fé e para a fé, e por isso não se deve esperar neles uma biografia de Jesus, mas antes, uma interpretação teológica da vida de Jesus; uma teologia narrativa. Também é sabido por nós que os evangelhos foram escritos a partir e para a fé das comunidades, e por isso não se deve esperar só uma, mas várias interpretações teológicas, e é preciso falar de diversas cristologias nos evangelhos.

Na época em que os evangelhos foram publicados, existiam confissões de fé, hinos e cristologias. A fé em Jesus como o Cristo já estava assegurada. No entanto, essa fé não bastou, e voltaram a Jesus exatamente para manter a autenticidade dessa fé e defendê-la. Quer dizer, os primeiros cristãos se deram conta de que a pura fé em Cristo não bastava para dar resposta às crises de identidade fundamentais nas comunidades. Nas comunidades de Marcos,

Mateus e Lucas, não bastava confessar a Cristo, mas também era preciso remeter-se a Jesus e ao concreto de Jesus.

Os evangelistas não só voltaram a Jesus, mas o fizeram de uma maneira diferente: narrando sua vida e destino. No entanto, essa narração não é biografia, mas teologia. Como diz Sobrino (1994, p. 99): "ao historizar Jesus, teologizam-no. Mas não é menos certo que para teologizar Jesus o historizam, e nisso consiste a intuição fundamental".

De fato, as narrações dos evangelhos fazem de Jesus o personagem central. Por diferentes que sejam as comunidades, todas elas voltam a Jesus; todas elas convergem em apresentar a estrutura fundamental da vida de Jesus: início e desenvolvimento de sua missão, confrontação com os poderosos, perseguição e morte.

Portanto, pode-se afirmar que os que abordam os evangelhos para encontrar maior ou menor informação factual sobre Jesus insistem em que os evangelhos não mostram definitivamente a história de Jesus, mas que são uma teologia. Eles não são relatos diretos da vida de Jesus de Nazaré, ou seja, não são uma biografia dele. Eles são o resultado de um longo processo de reflexão, catequese e pregação das comunidades cristãs do primeiro século.

Antes de chegar àquilo que é próprio de Jesus de Nazaré, encontra-se uma camada que é da responsabilidade da redação, outra que é da tradição da comunidade. Nela, guardavam-se palavras, fatos, relatos de milagre, comparações ou parábolas de Jesus. É natural que, nesse processo de transmissão dos ditos e feitos de Jesus, "quem conta um conto aumenta um ponto".

Deve ficar bem claro para os pesquisadores que não é pelos indícios estritamente históricos a respeito de Jesus de Nazaré que eles vão descobrir "a essência do cristianismo" ou um Jesus em estado puro acessível a todos. O acesso a Jesus se encontra na fé vivenciada por aqueles que procuram guardar e encarnar o legado do seu acontecer, até hoje.

5 Conclusão

Jesus Cristo é a "cartilha" na qual e pela qual temos acesso ao sentido pleno de quem ele é: o Cristo de Deus. É preciso pensar, portanto, a relação entre Jesus e o Cristo. Jesus é o caminho para Cristo. A totalidade, o Cristo total, não nos chega sem a mediação de Jesus, sem o elemento histórico "de baixo". Apesar disso, a particularidade específica do Jesus histórico não pode ser compreendida sem o seu elemento transcendente, cuja luz vem "do alto", "de cima". Em síntese, não basta dizer simplesmente: "Eu creio em Jesus Cristo", sem que essa profissão de fé nos ligue à vida de Jesus.

Em outras palavras, pode-se afirmar que a questão do Jesus histórico é algo de fundamental importância para o Cristo da fé. No entanto, trata-se do Jesus histórico que tem lugar a partir da comunidade crente, historicamente situada. Essa comunidade, à qual se deve a narrativa da vida, da morte e da ressurreição de Jesus, o relato de sua pessoa, de sua história, de seus atos e palavras, é uma comunidade que se sentiu inspirada pelo Espírito que animava Jesus. Por isso, pode-se concluir dizendo que um método meramente histórico-crítico não dá conta da complexidade da figura de Jesus de Nazaré e de seu significado para a fé cristã e a teologia.

O Cristo da fé não é, pois, um conceito cristológico oposto ao do Jesus histórico, mas uma concepção que o integra e o assume em sua totalidade.

Referências

- A Bíblia. São Paulo: Paulinas, 2023.
- BINGEMER, Maria Clara L. *Jesus Cristo: servos de Deus e Messias glorioso*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- BULTMANN, Rudolf. *Gesù*. Brescia: Queriniana, 1972.
- KASEMANN, Ernest. Il problema del Gesù storico. In: KASEMANN, Ernest. *Saggi esegetici*. Torino: Marietti, 1985. p. 30-57.
- KONINGS, Johan. A Questão do Jesus "Histórico". *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 55-58, 1º sem. 1997.
- LOHFINK, Gerard. *Jesus de Nazaré: O que Ele queria? Quem Ele era?* Petrópolis: Vozes, 2015.

SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*. I – A história de Jesus de Nazaré. São Paulo: Vozes, 1994.

José Armando Vicente

Doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), em Belo Horizonte/MG, Brasil. Reitor do Seminário Maior de Filosofia e Teologia da Sociedade Missionária da Boa Nova (SMBN), em Contagem/MG, Brasil.

Endereço para correspondência:

JOSÉ ARMANDO VICENTE

Rua Rita Camargos, 575

Bom Jesus, 32185-420

Contagem, MG, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.